

TEXTO, CONTEXTO E PARATEXTO NA SÉRIE DE TIRAS “OS SANTOS”

TEXT, CONTEXT AND PARATEXT IN THE COMIC STRIP SERIES “OS SANTOS”

Elisa Ribeiro da Silva¹

Resumo: Nas últimas décadas, a evolução das tecnologias de informação e comunicação têm transformado de forma cada vez mais rápida o modo pelos quais os textos se relacionam, seus suportes e como a leitura e construção de sentido são sociocognitivamente estabelecidas. Com a internet consolidada como meio de publicar e consumir conteúdo, há uma proliferação de tiras em suportes digitais e diversas abordagens de análise desses textos são possíveis. Dessa forma, a proposta deste artigo é verificar de que maneira as concepções de texto, contexto e paratexto podem ser articuladas ao analisarmos tiras em ambientes digitais. Para isso, aplicaremos os conceitos em um exemplo de “Os Santos”, tira brasileira produzida por Leandro Assis e Triscila Oliveira e veiculada nas redes sociais Twitter e Instagram. Como pressupostos teóricos, utilizamos a obra de Genette (2009) acerca dos elementos paratextuais, a definição de contexto de van Dijk (2012), poligenericidade pensado por Elias e Cavalcante (2017), focalização de Koch e Travaglia (2015) e os estudos sobre texto de Cavalcante e Custódio Filho (2010), Koch (2004) e Elias (2016).

Palavras-chave: Texto. Contexto. Paratexto. Quadrinhos. Tira.

Abstract: In recent decades, the evolution of information and communication technologies have transformed ever more rapidly the way texts relate to each other, their media, and how reading and the construction of meaning are sociocognitively established. With the internet consolidated as a means of publishing and consuming content, there is a proliferation of comic strips in digital media and several approaches to analyzing these texts are possible. In this way, the purpose of this paper is to verify how the concepts of text, context and paratext can be articulated when analyzing comic strips in digital environments. For this, we will apply the concepts in an example of "Os Santos", a Brazilian comic strip produced by Leandro Assis and Triscila Oliveira and published on the social networks Twitter and Instagram. As theoretical assumptions, we use the work of Genette (2009) about paratextual elements, van Dijk's definition of context (2012), polygenderness thought by Elias and Cavalcante (2017), focus by Koch and Travaglia (2015) and the studies on text by Cavalcante and Custódio Filho (2010), Koch (2004) and Elias (2016).

Keywords: Text. Context. Paratext. Comics. Comic Strip.

Introdução

A evolução das tecnologias de informação e comunicação transformou o modo como os textos são veiculados e relacionados com outros e abriu novas possibilidades para leitura e construção de sentidos. Esse rápido avanço, tão pautado no elemento visual, assegurou um

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. Contato: elisa_dribeiro@hotmail.com

ambiente fértil para a circulação, armazenamento e leitura de tiras. Somado a isso, o desenvolvimento das tecnologias da informação e a convergência midiática, levaram autores e leitores a interagirem na produção de um conteúdo cada vez mais interativo e diversificado. Jenkins (2008) define essa nova era por intermédio do fluxo contínuo de conteúdo entre múltiplos suportes, da cooperação entre os mercados midiáticos e do comportamento migratório do público em busca de novas experiências e formas de interagir.

A internet tem permitido a existência de um novo espaço de criação e veiculação de conteúdo. Neste processo, há uma migração e readaptação dos textos nos novos meios de veiculação. Algumas das marcas constituintes do texto são mantidas e outras são alteradas devido aos novos aspectos de produção, circulação e recepção. Estes elementos colocam o sujeito em uma situação de interação, na qual age-se sobre o outro, mobilizando conhecimento de mundo, influenciando pensamentos e comportamentos por meio da escolha de elementos verbais e não verbais, dotados de intencionalidade (ELIAS, 2016). Sobre essa interação, Jenkins, Ford e Green (2014, p. 24) afirmam:

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo e consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneira que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica.

Essa propagação dos textos nos situa em nossos relacionamentos pessoais e profissionais, ajuda-nos a expressar quem somos, a construir comunidades e conscientizar as pessoas sobre os assuntos que nos preocupam na internet. Dada essa perspectiva de interatividade sob novas circunstâncias, interessa-nos entender como esses conteúdos estão presentes nas redes sociais e como algumas questões da textualidade podem ser analisadas.

O objetivo deste artigo, portanto, é analisar como os conceitos de texto, contexto e paratexto podem ser articulados nas tiras em ambientes digitais. Raça, classe, gênero e orientação sexual são alguns dos temas que circulam na internet. “Os Santos”, objeto de nossa análise, retrata justamente episódios de desigualdade na interseccionalidade destes temas. Trata-se de uma série em quadrinhos criada em 2019, veiculada nas redes sociais Twitter e Instagram e que tem como autores Leandro Assis e Triscila Oliveira.

A estrutura deste artigo está dividida em quatro seções, sendo as três iniciais de caráter teórico. A primeira irá detalhar a concepção de texto trabalhada pela Linguística Textual. A segunda abordará outro conceito, o de contexto, em uma perspectiva sociocognitivista

relacionada à internet. A terceira retrata o conceito de paratextos trabalhado por Genette. Já a quarta e última seção irá ilustrar, a partir de um exemplo da série “Os Santos”, como as tiras se apresentam em redes sociais e como podemos articular os conceitos de texto, contexto e paratexto.

Um breve percurso sobre o conceito de texto

Koch (2014, p. 59) afirma que “todo texto é, portanto, um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”. O texto une ações sociais e cognitivas, nas quais cultura e processamento mental estão interligados. Logo, a concepção contemporânea encara o texto como um processo, multifacetado, que percorre atividades linguísticas, sociocognitivas e discursivas. E o seu sentido é construído conjuntamente pelos sujeitos em interação. Elias (2016, p. 192) explicita que:

Entender o texto como uma “entidade multifacetada” só é possível quando consideramos que a linguagem é uma forma de interação e, como tal, seu uso é regido pela intenção, apontando para relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor etc. Entendida não como realidade psicológica, mas, sim, num sentido puramente linguístico, a intenção é determinada pelo sentido do enunciado, isto é, ela se deixa representar de determinada forma no enunciado, sendo, pois, linguisticamente constituída.

Sendo assim, entendemos o texto como esse fenômeno multifacetado, que pode ter em sua constituição elementos de diferentes semioses, compondo uma produção multimodal. Nesse mesmo sentido, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64) trabalham o conceito de texto proposto por Koch e o ampliam, de modo a considerar também produções multimodais:

A produção de linguagem verbal e não verbal constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Ramos (2009, p. 20, grifo do autor) defende que “quadrinhos ou histórias em quadrinhos seriam um grande rótulo, um *hipergênero*, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. Já a tira é “um formato utilizado para a veiculação de histórias em

quadrinhos em suportes e mídias impressos e digitais" (RAMOS, 2017, p. 31). O autor explicita, ainda, que dentro deste formato circulam diferentes gêneros dos quadrinhos.

Dessa forma, valemo-nos da concepção de texto proposta por Cavalcante e Custódio Filho, uma vez que as tiras combinam diferentes signos. Compreendemos o texto como um processo e não apenas como mero produto ou registro verbal de um evento comunicativo. O texto, portanto, mantém relações com textos anteriores, que são responsáveis pela sua origem ou fizeram parte significativa do seu processo de criação. Modelos mentais e conhecimentos de mundo são acionados durante esse processo. Assim, o texto está profundamente inserido em uma relação sociocomunicativa, sempre mobilizando e construindo contexto. E é justamente sobre a concepção de contexto que discutiremos a seguir.

Noções de contexto e redes sociais

Ao abordar diferentes concepções de contexto, KOCH (2002, p. 21) recorre aos estudos de Malinowski, que criou os termos “contexto de situação” e “contexto de cultura” para apontar o contexto inicialmente como um mediador, pois as palavras e frases só fariam sentido se estivessem inseridas em uma situação de uso. Assim, o contexto era visto como um espalhamento verbal, que autora denomina co-texto.

Posteriormente, essa visão é ampliada para “a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sócio-político-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores” (KOCH, 2002, p. 04). De acordo com van Dijk (2012), Hanks (2008), Marcuschi (2002) e Koch (2002, 2004), a noção mais atual de contexto está ligada a “um estado de coisas que em parte está organizado a priori, e em parte está associado a uma significação que emerge de sua própria organização” (HANKS, 2008, p. 67).

Ao entrarmos em contato com um texto hierarquizamos as informações e realizamos conexões entre elas. As redes sociais, segundo Recuero (2005, p. 3), podem ser entendidas como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões. Essas conexões são compreendidas como as relações e os laços sociais que ligam as pessoas por meio da interação social. Fluxos e trocas de informações que impactam as estruturas vigentes nas redes são provocados por essa interação entre os usuários das redes sociais. Quando um conteúdo é compartilhado, por exemplo, ele gera reações entre os seus leitores (*idem*, 2009, p. 31).

As plataformas digitais disponibilizam as ferramentas para essa interação na internet, por meio de “curtidas”, compartilhamentos dentro da própria plataforma ou em outras redes sociais, propagando o conteúdo de determinado tema a depender de seu interesse. Essas ações são dotadas de intencionalidade, seja produzir, consumir ou divulgar para fazer parte dessas narrativas. Sobre isso Jenkins, Ford e Green (2014, p. 54) afirmam que:

Quando o material é propagado, ele é refeito: seja literalmente, ao ser submetido aos vários procedimentos de remixagem e sampleamento, seja figurativamente, por meio de sua inserção em conversas em andamento e através de diversas plataformas. Esse contínuo processo de transformação do propósito original e de recirculação está corroendo as divisórias percebidas entre produção e consumo.

Além disso, há também no ciberespaço a poligenericidade, que segundo Elias e Cavalcante (2017, p. 326), demandaria “considerar não apenas um texto e toda a complexidade dos aspectos que lhe são constitutivos, mas, sim, textos ou arranjos textuais envolvendo uma diversidade de gêneros textuais e de autores que atuam colaborativamente no espaço de redes sociais”. À vista disso, o texto pensado a partir da interação demanda uma concepção de contexto na qual os sujeitos são vistos como “[...] atores sociais levando em conta o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 19). Conforme explicam Koch e Elias (2006, p. 11) o texto, então, figura como próprio lugar de interação:

Na concepção interacional da língua o texto é considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. [...] o sentido de um texto é construído na interação texto - sujeitos e não algo que preexista a essa interação.

Para van Dijk (2012), contexto é algo construído pelos atores sociais e não apenas algo extrínseco. Assim, a cada situação comunicativa, os participantes concebem uma representação mental por meio de modelos mentais, que definem e influenciam nossa compreensão e interação. Os modelos mentais, segundo o autor, expressam a maneira como os atores sociais interpretam a língua, com base em representações cognitivas de seus conhecimentos e experiências prévias, sendo interpretações pessoais.

Além disso, acionam nossa percepção a respeito das situações que já vivenciamos ou sobre as quais somente lemos ou ouvimos e são, portanto, uma forma de adquirir conhecimento de mundo. Dessa forma, existem percepções que não serão explicitadas pois supostamente são

compartilhadas com o leitor e existem informações que serão explicitadas pois não estão nesse leque de informações compartilhadas.

Nesse processo, o autor pressupõe que alguns conhecimentos de mundo são compartilhados com o leitor. No que lhe concerne, o leitor ativa modelos mentais na situação de interação, para completar o modelo com o conhecimento que está pressuposto no texto. Dessa forma, cada sujeito vai construindo representações cognitivas individuais durante o processo de interação, que atuam de forma primordial no processo de construção de sentido.

Partindo dessa premissa, definir o contexto tendo em vista uma perspectiva sociocognitivista leva em consideração como os sujeitos constroem representações de si e dos outros sujeitos. Assim, é dinâmico, definido e redefinido durante o processo de interação. Fornecendo-nos, então, uma perspectiva que relaciona texto à sociedade, às relações existentes entre os sujeitos, como as de poder, por exemplo. Para entender sobre essa hierarquização de informações e construção de sentidos vamos falar sobre os paratextos a seguir.

Relações paratextuais

Genette (2009, p. 9, grifos do autor) explica que os textos não se apresentam isoladamente:

(...) esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.

Assim, os elementos paratextuais seriam estabelecidos em relação ao próprio texto: em torno dele ou sobre ele. E permitiriam que o conteúdo fosse melhor recebido, uma vez que figurariam como uma transação entre o conteúdo planejado pelo autor e editor e a interação do leitor. A proposta do crítico literário fala inicialmente de um *corpus* físico, o livro. Entretanto, posteriormente Genette (2009, p. 11) expande essa concepção e afirma que “não existe, e que jamais existiu, um texto sem paratexto”.

Reconhecendo que os paratextos representam um reflexo do momento histórico e cultural em que foram produzidos, Genette (*ibidem*) elucida que “os caminhos e meios do paratexto não cessam de modificar-se conforme as épocas, as culturas, os gêneros, os autores,

as obras, as edições de uma mesma obra, com diferenças de pressão às vezes consideráveis”. Consequentemente, os paratextos seriam adaptáveis de acordo com elementos extrínsecos.

No que concerne à Linguística Textual, o conceito paratexto foi trabalhado também sob o nome de fatores de contextualização, que são “elementos que contribuem para equacionar alternativas de compreensão” (MARCUSCHI, 1983, p. 16). Além disso, Brito (2018) e Brito e Ramos (2019) trabalharam as relações paratextuais analisando a ocorrência paratextos ficcionais. À vista disso, entendemos, conforme discutido por Ramos e Silva (2021), que a noção paratexto deve estar articulada ao do conceito de focalização, “a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento, bem como a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002 [1990], p. 88).

Seguindo a metáfora apresentada pelos autores, seria como compartilhar o visor de uma câmera com o leitor, existe o que está de fato focalizado pela lente da câmera e há também elementos que estão no entorno dessa imagem. Ramos e Silva (2021, p. 215) explicam que:

Expondo em outros termos: a valoração de um aspecto, resultante da focalização nele, torna um elemento textual e um gênero mais relevantes, estabelecendo em relação aos outros constituintes uma relação paratextual. Reitera-se: não se sugere com isso que os demais sejam menos importantes, apenas que ficaram de fora do visor da câmera proposta por Koch e Travaglia. Ou seja, numa posição de paratextos. Essa abordagem, como já dito, não ignora os princípios definidores do texto, do modo como é visto contemporaneamente. Ela, por outro lado, permite incorporar a perspectiva (real) de que uma mesma produção seja lida de maneiras distintas, assim com os constituintes dela. Do ponto de vista do pesquisador, chega a configurar uma espécie de método, que ajuda o analista a abordar aspectos diferentes de um mesmo texto, conforme seu interesse e a focalização que pretenda dar. A consequência é que passa a ser estabelecida uma de foco e fundo, em que este último exerce um papel paratextual. O que passa a ser o foco e o fundo irá depender do interesse que se tem e do olhar dado à produção [...]

Esta relação de foco e fundo pode propiciar diferentes leituras que, por sua vez, podem colaborar para uma construção de sentidos que nem sempre é convergente. O autor pode, por exemplo, dar mais visibilidade para um conteúdo do que outro. O que também é válido para o pesquisador, que pode decidir analisar a parte verbal de uma produção e não a imagética. Pode optar também por estudar as reações que os leitores manifestam por meio de curtidas e comentários ou os compartilhamentos de uma publicação. Essa abordagem focaliza um dos aspectos do texto em detrimento de outros, estabelecendo uma relação de foco e fundo, na qual o fundo atua como paratexto. Quais elementos irão desempenhar papel de foco e fundo serão definidos a partir do interesse que o autor ou o pesquisador têm e do que pretende, focalizar.

Articulando texto, contexto e paratexto em “Os Santos”

A série de tiras “Os Santos” é produzida em quadrinhos, no formato de tiras e retrata questões de gênero, raça, classe e orientação sexual ao narrar o cotidiano de duas famílias, ambas do Rio de Janeiro: uma negra, periférica, em que as mulheres trabalham na casa de uma segunda família, de classe média alta, composta por pessoas brancas.

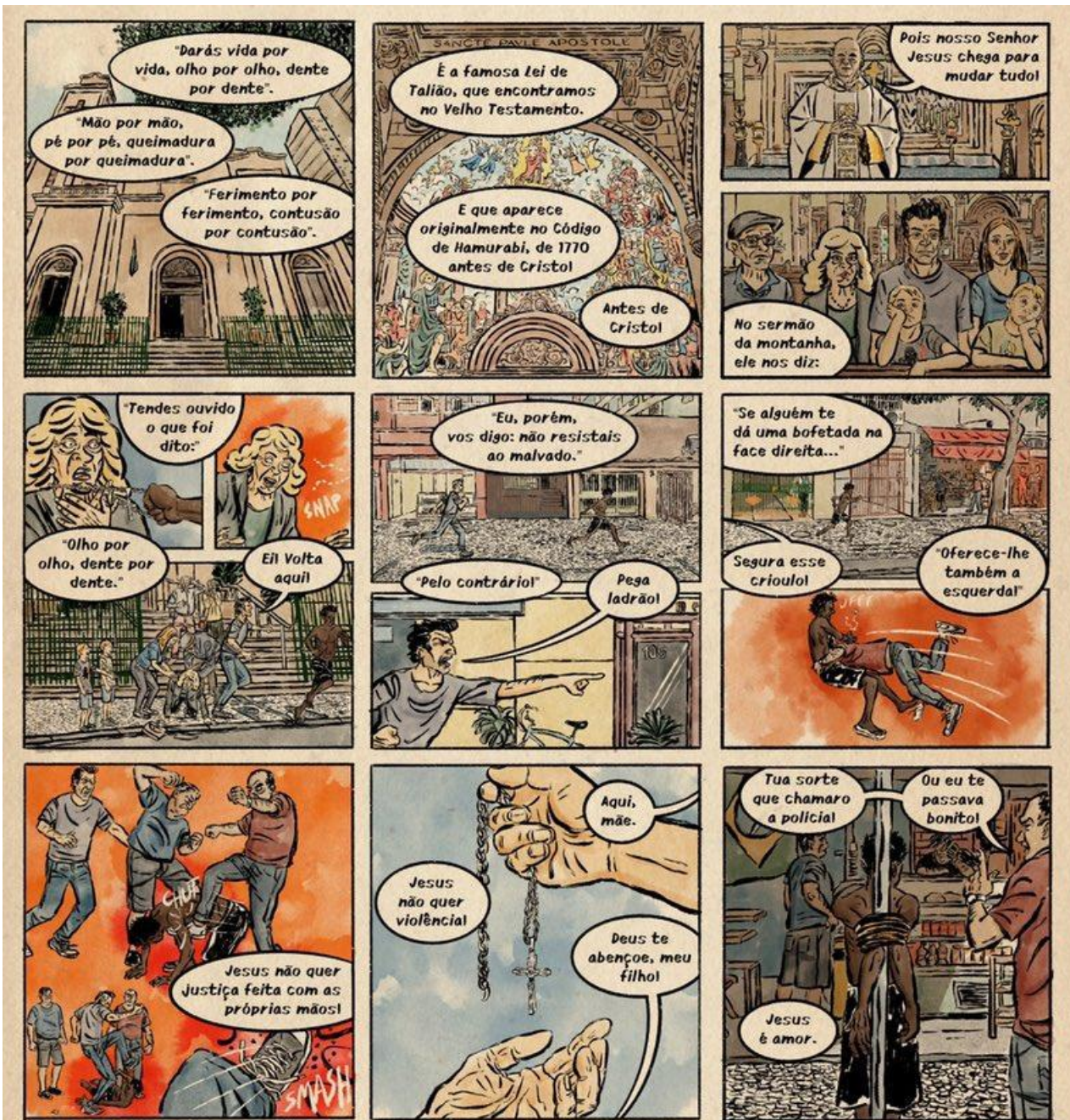
As tiras surgiram em dezembro de 2019, passaram por um hiato em 2020 e 2021 pois os autores não queriam vincular os acontecimentos da série à pandemia de COVID-19 e voltou a ser publicada em 30 de agosto de 2021. Até 30 de setembro do mesmo ano 30 tiras publicadas foram publicadas no Twitter e no Instagram.

A história procura refletir a desigualdade racial e social existente no Brasil, país em que 6,3 milhões de pessoas exercem a atividade de trabalhadores domésticos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) (IBGE, 2019).

As tiras ganharam repercussão nas redes sociais após a página de Instagram Mídia Ninja (@midianinja), com quatro milhões de seguidores, registrados em setembro de 2021, compartilhar em seu perfil as publicações. De acordo com Assis, após esse compartilhamento, o número de pessoas seguindo sua página (@leandro_assis_ilustra) aumentou de 3 mil para 450 mil em pouco mais de um mês. Em 23 de setembro de 2021, já havia aumentado para 800 mil.

Com a repercussão e reconhecimento do trabalho realizado por Assis e Oliveira, a partir de setembro do mesmo ano, a dupla ganhou um espaço semanal na área de charges do jornal “Folha de São Paulo”. A primeira tira de “Os Santos” foi publicada no Instagram dia 5 de dezembro de 2019 e a trigésima em 8 de setembro de 2021. Já no Twitter, a data da primeira publicação foi 13 de dezembro de 2019 e a trigésima em 9 de setembro de 2021. É justamente a última tira publicada que reproduzimos a seguir:

Figura 1 – Trigésima tira de “Os Santos”



Os Santos

uma tira de humor **ódio**

Leandro Assis
Triscila Oliveira

Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 "lei de Talião alma". Twitter: leandroassis73. Disponível em: < <https://twitter.com/leandroassis73/status/1435940965114580993/photo/3>>. Acesso em: 23 set. 2021.

Na Figura 1 temos uma reprodução da tira, que é ampliada quando se clica na imagem publicada no Twitter. No primeiro quadro precisamos articular alguns conhecimentos para nos situarmos neste começo de história. Primeiro vemos a fachada de algum lugar, temos também três balões de fala e ao vermos o signo de aspas dentro dos balões, podemos entender que se trata de uma reprodução de algo escrito ou da fala de alguém.

Se tivermos o conhecimento religioso ou histórico saberemos que diz respeito a uma passagem da bíblia, sobre a lei de Talião. Aqui vemos que o contexto de leitura vai ser relevante, uma vez que o conhecimento enciclopédico pode ser acionado para construir sentidos.

Ainda há também a própria linguagem dos quadrinhos, temos um gênero que possui características próprias, como os balões de fala, que “para Acevedo (1990), possui dois elementos: o continente (corpo e rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagem) [...] podem indicar, por exemplo, voz alta, gritos, sons eletrônicos” (RAMOS, 2009, p. 36).

No segundo quadro podemos identificar vitrais e associando à imagem que vimos no primeiro quadro, entender que se trata de uma igreja católica. Nos balões de fala, alguém, ainda não revelado, mas que podemos supor ser um padre por tratar-se de uma igreja católica, explica que estava reproduzindo os dizeres da lei de Talião.

Mais uma vez, se tivermos conhecimento histórico ou religioso, podemos entender que esta acredita-se ser a lei mais antiga que existiu, na qual o autor de um delito devia sofrer castigo igual ao dano por ele causado e é frequentemente simbolizada pela expressão “olho por olho, dente por dente”. O Código de Hamurabi, conjunto de leis criadas pelo sexto rei da Suméria Hamurábi, mais ou menos em 1700 a.C, traz um conceito similar ao texto bíblico:

- 196° - Se alguém arranca o olho a um outro, se lhe deverá arrancar o olho.
 - 197° - Se ele quebra o osso a um outro, se lhe deverá quebrar o osso.
 - 200° - Se alguém parte os dentes de um outro, de igual condição, deverá ter partidos os seus dentes
 - 202° - Se alguém espancar outro mais elevado que ele, deverá ser espancado em público sessenta vezes, com o chicote de couro de boi.
 - 206° - Se alguém golpeia outro em uma rixa e lhe faz uma ferida, ele deverá jurar: “Eu não o golpeei de propósito”, e pagar o médico.
 - 209° - Se alguém atinge uma mulher livre e a faz abortar, deverá pagar dez siclos pelo feto.
 - 210° - Se essa mulher morre, se deverá matar o filho dele.
- (O Código de Hamurabi. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/hamurabi.htm>. Acesso em: 23 set. 2021).

O quadro seguinte apresenta o padre na parte superior do quadro, ele diz que Jesus veio para mudar tudo. Já na parte inferior, vemos quase a família dos “patrões” de “Os Santos”: Liege, Camilo, Caíque, Renata e os gêmeos, filhos deles, que aparecem com expressões

entediadas. Neste ponto e em toda a tira, é necessário articular o verbal e não verbal para construir sentidos.

O quarto quadro apresenta, ainda, as falas do padre e mostra uma cena na qual roubam um colar com um pingente de cruz que Liege está usando na saída da igreja. No quadro posterior, o padre segue recitando frases do Novo Testamento, mais uma vez, em termos de construção de sentidos, uma informação que requer conhecimento de mundo da parte do leitor. Na parte inferior do quadro Caíque persegue o ladrão.

O sexto quadro reproduz na parte de cima uma frase racista de Caíque “segura esse crioulo”, enquanto o padre segue recitando “se alguém te dá uma bofetada na face direita... Oferece-lhe também a esquerda!”. Na parte de baixo do quadro, vemos um homem agarrando o ladrão. Aqui as linhas cinéticas — “Acevedo (1990) as define como ‘linhas que servem para indicar movimento. Segundo ele, é uma forma de reproduzir o momento de um gesto’” (RAMOS, 2009, p. 116) — dão a ideia de o homem chegou correndo e agarrou o ladrão. E no quadro seguinte vemos três homens espancando o homem negro, enquanto o padre diz “Jesus não quer justiça feita com as próprias mãos!”.

O oitavo quadro mostra Caíque devolvendo o colar que fora roubado a Liege e ela diz “Deus te abençoe, meu filho”. O próximo quadro mostra o ladrão amarrado em um poste e um dos homens dizendo que foi sorte terem chamado a polícia “ou eu te passava bonito”. Precisamos articular a gíria “passava” com o significado de violência para entender a ameaça. O padre finaliza dizendo que “Jesus é amor”. A crítica pode ficar ou não explícita de acordo com os conhecimentos com os quais o leitor constrói sentidos.

Os nove quadros da história em quadrinhos não são as únicas informações apresentadas ao leitor. Na parte debaixo da imagem, são apresentados também o título da série “Os Santos”, seu subtítulo “Uma tira de ~~humor~~ ódio”, uma recategorização que já antecipa aos leitores que não se trata de um conteúdo cômico. E logo depois temos os nomes dos autores. A imagem da tira está inserida em uma postagem, que apresenta outros conteúdos, como vemos a seguir:

Figura 2 – Postagem no Twitter



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Twitter: @leandroassis73. Disponível em: <https://twitter.com/leandroassis73/status/1226808566583111683>. Acesso em: 20 set. 2021.

Na parte superior da figura 2 podemos identificar quem é o autor da publicação por meio do nome exibido: “Leandro_Assis_Ilustra”, abaixo aparece seu endereço eletrônico no Twitter: “@leandroassis73” e ao lado esquerdo há uma foto em formato oval, modelo utilizado pela plataforma digital. Outras frases antecedem a história em quadrinhos, são elas “Os Santos”, “Escrita por @leandroassis73 e @soulanja”, “Ilustrada por @leandroassis73”.

Na sequência, o autor especifica informações da tira. Trata-se, neste caso, do “Ep. 30”, intitulado “Lei de Talião”. Se o leitor tem o conhecimento sobre o é a lei e lê o título antes da ver a tira, já pode construir alguns sentidos antes mesmo de lê-la. Na ideia inicial de Genette, o título era um paratexto que não seria tão relevante quanto a história em si. Aqui vemos que se trata de uma informação que pode antecipar ou até mesmo confundir a construção de sentidos. E que está integrado ao texto “principal”.

Após essas informações, temos a tira em si, reproduzida na Figura 1. Abaixo da imagem, o Twitter registra automaticamente o horário em que o conteúdo foi publicado “09:19 AM”, a data, “9 de setembro de 2021” e o suporte utilizado para isso “Twitter for iPhone”. Na linha

seguinte aparecem algumas informações de interação, como é próprio dos hipertextos. Sabemos, então, que houve 74 “retweets”, ou seja, 74 compartilhamentos dessa publicação no Twitter, 6 “tweets com comentário” e “659 curtidas”.

Por fim, há quatro botões de ação que podem ser utilizados para interagir com a postagem: comentar, sinalizado por um balão de fala; compartilhar, sinalizado por um ícone com duas setas; curtir, sinalizado por um coração; e por fim um ícone de uma bandeja com uma seta que possibilita que você envie o conteúdo por mensagem direta, salve essa publicação ou copie o link dela. Há, ainda, um terceiro gênero nesse ambiente digital, os comentários, que podemos acessar rolando a tela da postagem para baixo:

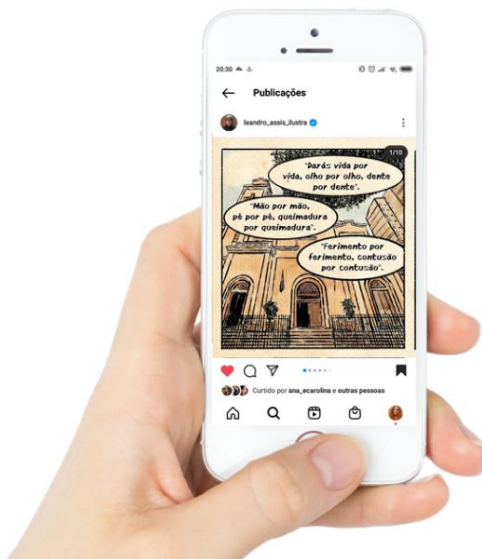
Figura 3 – Comentários no Twitter



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Twitter: @leandroassis73. Disponível em: <https://twitter.com/leandroassis73/status/1226808566583111683>. Acesso em: 20 set. 2021.

Agora olhando para o Instagram, outra rede social na qual a obra é publicada, o leitor se depara ao abrir o aplicativo com a tira em destaque, como vemos a seguir:

Figura 4 – Tira no Instagram



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Instagram: @leandro_assis_ilustra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTklfwjNaN/>. Acesso em: 20 set. 2021.

Os botões para ler todos os comentários e ver a postagem inteira estão mais abaixo, em alguns celulares, por exemplo, vai ser preciso rolar a tela para baixo para vê-los:

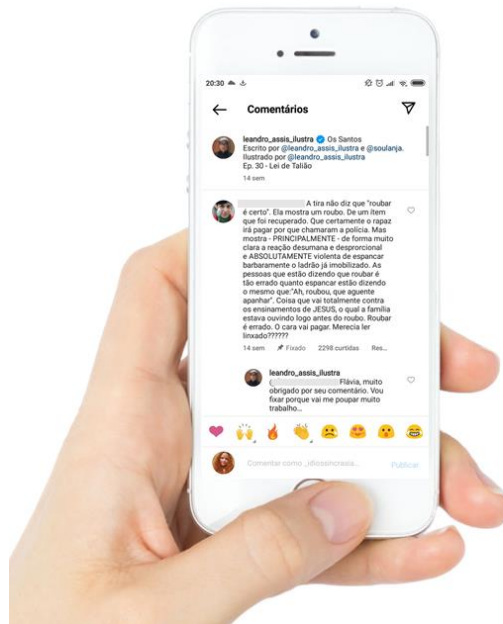
Figura 5 – Postagem e comentários no Instagram



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Instagram: @leandro_assis_ilustra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTklfwjNaN/>. Acesso em: 20 set. 2021.

A legenda aparece completa e se clicarmos em ver todos os comentários, chegamos então em uma tela na qual é possível ver os comentários completos e organizados pelo algoritmo da rede social:

Figura 6 – comentários no Instagram



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Instagram: @leandro_assis_ilustra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTklfwjNaN/>. Acesso em: 20 set. 2021.

A coexistência de três gêneros, a tira, a postagem e os comentários é ainda mais explícita no Instagram, uma vez que estão lado a lado:

Figura 7 – Tira, postagem e comentários no Instagram



Fonte: ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. tira 30 “lei de Talião”. Instagram: @leandro_assis_ilustra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTkllfwjNaN/>. Acesso em: 20 set. 2021.

Olhando para as figuras anteriores entendemos haver o que Elias (2014) e Elias e Cavalcante (2017) chamam de poligenericidade. Uma vez que nos exemplos ilustrados vemos pelo menos três gêneros: a própria postagem, a tira, e os comentários que demonstram as reações dos leitores, quais sentidos construíram, suas críticas, elogios ou até mesmo a fuga do tópico abordado na tira.

O que vemos aqui é a possibilidade de, a partir do texto focalizado, construir uma relação paratextual com os demais gêneros. Assim, se o foco da nossa discussão estiver na discussão sobre religião e violência e, por consequência, no conteúdo narrativo, a focalização estaria no conteúdo da tira, estabelecendo com os demais gêneros uma relação paratextual. Por outro lado, caso o foco esteja na avaliação de reação dos leitores e seus comentários, por exemplo, a tira é que passa a exercer um papel de paratexto.

Considerações finais

A produção textual em ambiente de rede traz consigo questões textuais e interacionais que demandam nossa atenção. Precisamos pensar em abordagens que abarquem a leitura e a construção de sentidos, considerando as diferentes semioses, a interação que as redes propiciam, o conhecimento de mundo e os modelos mentais dos leitores nos eventos comunicativos. Dessa forma, procuramos mostrar neste artigo como podem se estabelecer as relações de texto, contexto e paratexto aplicadas a tiras veiculadas em redes sociais.

A concepção de texto como um processo e não apenas como mero produto ou registro verbal de um evento comunicativo é fundamental para a análise de tiras, uma vez que elas são compostas por diferentes signos e mantêm relações com textos anteriores. Na tira analisada foi possível identificar alguns desses textos e perceber como o conhecimento de mundo precisa ser acionado durante esse processo e como as redes sociais propiciam alguns caminhos de entrada para esse gênero.

O texto está profundamente inserido em uma relação sociocomunicativa, sempre mobilizando e construindo contexto. Logo, para construir sentidos e dependendo do interesse de pesquisa, podemos analisar apenas um dos gêneros presentes nesse ambiente digital. O texto veiculado em redes sociais possui marcas próprias devido ao suporte e aos gêneros, havendo muitas possibilidades de interação e construção de sentidos.

Pensando nisso, esta abordagem procura ressaltar a poligenericidade presente nas publicações, valendo-se do conceito de focalização para determinar o que terá papel paratextual e enxergando o contexto como essa coconstrução que é dinâmica e se reconfigura a partir do que os sujeitos pressupõem, quais são seus papéis sociais e conhecimento de mundo.

Referências

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA; Triscila. *Os Santos*. *Twitter*: @leandroassis73. Disponível em: <<https://twitter.com/leandroassis73/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRITO, Karoline Caetano. *Paratextos ficcionais em Watchmen*. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, SP: 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Revisitando o estatuto do texto*. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

ELIAS, Vanda Maria. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, 2016, p. 191-206.

ELIAS, Vanda Maria; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. (Org.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 317-338.

GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HANKS, William. O que é contexto. In: Bentes, Anna Christina; Rezende, Renato.; Machado, Marco Antônio (Orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*, p. 169-203. São Paulo: Cortez, 2008.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da Conexão*. São Paulo: Aleph, 2014.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009, p.127-140.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>>. Acesso em 23 set. 2021.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Linguística Textual: Quo Vadis?* In: Revista Delta, edição especial, 2001.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 14. ed. rev. ampl. São Paulo: Contexto, 2002 [1990]).

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife: Mestrado em Letras e Linguística; Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RAMOS, Paulo; BRITO, Karoline Caetano. Comicidade além da tira: paratextos como estratégia para produção do humor. *Memorare*, Tubarão, SC, v. 6, n. 2, p. 71-90, jul./dez./ 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/8542/4722. Acesso em 23 set. 2021.

RAMOS, Paulo; SILVA, Elisa Ribeiro. Relações paratextuais em "Os Santos": focalização de um conceito. *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 22 n. 1 (2021), p. 204–224. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35446>. Acesso em 20 set. 2021.

RECUERO, Raquel. Um estudo do capital social gerado a partir das Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. *Revista da Famecos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, nº 28, 2005.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.